

Novo perfil etário influencia moradias

Dados da Fundação Seade apontam que número de habitações ocupadas deve continuar crescendo, apesar da população envelhecer

SANDRO THADEU
DA REDAÇÃO

Estudo da Fundação Seade sobre transição demográfica no Estado e análise de domicílios aponta que a quantidade de habitações ocupadas deve continuar a crescer de forma significativa – apesar da tendência de envelhecimento e diminuição da população.

Ao contrário do que é previsto na maioria das regiões paulistas, a Baixada Santista, ao lado do Vale do Ribeira, deverá ter um aumento mais acelerado do nível de imóveis habitados regularmente.

Em 2010, o número de residências particulares ocupadas nas nove cidades locais era de 527.820. Para 2050, a expectativa é que esse número chegue a 807.806.

Uma das explicações para isso é que o maior envelhecimento está diretamente relacionado à vividez mais tardia entre casais e, ao mesmo tempo, o maior período de sobrevivência de pessoas da terceira idade que vivem sozinhas. Ou seja, a concentração de moradores em uma mesma residência tende a diminuir, de acordo com a projeção feita no levantamento da Fundação.

DOBRA

Em 2011, o número de cidadãos com 60 anos ou mais representava 13,38% da população (224.854). Já a concentração de moradores nessa faixa etária, projetada para 2050, deverá representar 27,3% do número total de habitantes (555.563).

O diretor regional do Sindicato da Habitação (Secovi) na Baixada Santista, Carlos Meschini, afirma que a pesquisa da Fundação Seade confirma a tendência do setor de ampliar o mercado de moradias menores (de até 60 metros quadrados) em prédios bem localizados, com piscina e sala de musculação, o que atende muito idosos e adultos que preferem viver sozinhos.

Na avaliação do representante do Secovi, a região tem a possibilidade concreta de atrair mais moradores por conta dos investimentos rodoviários (construção das novas pistas da Rodovia dos Imigrantes), o que proporcionou um tempo de viagem menor do lito-



Casais com menos filhos, aliado ao fato de mais pessoas optarem por morar sozinhas, fazem setor da construção apostar em moradias menores

ral para a Capital, ou para os municípios do interior, em comparação ao que ocorria há 20 ou 30 anos.

“A Rodovia dos Imigrantes virou uma grande avenida rumo às nossas cidades. Acho que é uma tendência de muitas famílias, de pessoas que trabalham na Grande São Paulo fixarem residência aqui”, analisa Meschini.

FUNDAMENTAL

O professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Santos (Unisantos) e doutor em Planejamento Urbano e Regional, José Marques Carriço, afirmou que estudos desse tipo, aliados a pesquisas de origem e destino, representam um instrumento essencial para a previsão de demandas em diversas áreas, para ins-

truir políticas públicas.

O levantamento aponta que as taxas anuais de crescimento dos domicílios entre 2040 e 2050 nas cidades do Litoral Sul em Bertioga deverá variar de 0,5% a 2%, enquanto nos demais municípios esse índice deve ficar de 0,3% a 0,5%. Em Santos, não deve ter aumento.

“Essa situação deve ocorrer porque as localidades perifé-

cas ainda possuem um número elevado de imóveis de uso ocasional”, destacou o docente.

Atendência acompanha a variação populacional, que deve ser negativa, por exemplo, em Santos, mas que tem estimativa de crescimento consistente no Litoral Sul e em Bertioga. Em 2050, a projeção aponta a região com pouco mais de 2 milhões de habitantes.

Envelhecimento lança desafios ao planejamento urbano

O envelhecimento populacional deverá exigir uma maior atenção dos gestores públicos no planejamento urbano e até mesmo na adoção de políticas públicas para as pessoas da terceira idade.

Na avaliação do arquiteto e urbanista José Marques Carriço, esse fenômeno exigirá uma mudança do olhar das autoridades para repensar a arquitetura de um modo geral e “radicalizar” em questões relacionadas à acessibilidade em imóveis e nas cidades.

Essa também é a opinião do coordenador do curso de pós-graduação em Gerontologia Integrativa da Universidade Santa Cecília (Unisantos), Daniel Siquieroli Vilas Boas.

“Ao falar de acessibilidade, não basta a gente apenas pensar em rampas e na instalação de placas. O idoso que é cadeirante enfrenta muitas dificuldades de percorrer algumas cidades, porque muitas estão quebradas e com pedras soltas”, explicou ele.

ADAPTAÇÕES

Por conta do crescimento do número de pessoas com mais de 60 anos, o docente defende a necessidade de as cidades disponibilizarem ônibus com o piso rebaixado e espaço reservado para cadeira de rodas ou carrinhos motorizados.

Vilas Boas acredita que a longevidade da população é fruto do avanço científico, que proporcionou tratamentos médicos mais eficientes. Por esse motivo, são necessários mais investimentos na área de prevenção, como na construção de centros de atividades físicas, cognitivas e intelectuais.

Para o especialista, novos imóveis e as reformas de moradias devem levar em consideração essa nova realidade para minimizar os riscos de queda dos idosos em casa.

“Antes, a população morria aos 40, 50 anos por causa de infecções. Hoje, vários chegam facilmente aos 90 anos e as doenças neurodegenerativas são as principais causas de óbitos. A gente precisa ao máximo prolongar ao máximo a autonomia do idoso”, explicou.

Além disso, o professor destacou que é necessário um acompanhamento especial da alimentação e da hidratação por estarmos em uma região de temperaturas elevadas.

AUTONOMIA

“Antes, a população morria aos 40, 50 anos por causa de infecções. Hoje, vários chegam facilmente aos 90 anos e as doenças neurodegenerativas são as principais causas de óbitos. A gente precisa ao máximo prolongar ao máximo a autonomia do idoso”

Daniel Siquieroli Vilas Boas
coordenador da pós-graduação em Gerontologia Integrativa da Unisantos

ALERTA

Lançado em 2015, o livro *Baixada Santista: Transformações na Ordem Urbana* já alertava sobre a necessidade de as autoridades analisarem e compreenderem os processos populacionais da Baixada Santista, como a estagnação do crescimento dos municípios centrais até a pujança dos periféricos (como as cidades do Litoral Sul e Bertioga). Um dos capítulos foi dedicado a esse tema.

Segundo os especialistas, esse cenário traz “enormes desafios de atendimento dos direitos fundamentais de educação, moradia, saúde e previdência social, que exigem imediata adoção de políticas públicas”. A publicação é fruto de um trabalho do Observatório das Metrópoles, organizado pelos professores André Rocha Santos, Marinez Villela Macedo Brandão e Maria Graciela González de Morell.

TENDÊNCIA



“Hoje, tem muitas pessoas que preferem seguir vivendo sozinhas, tendo um conforto maior, em vez de morar junto com outra pessoa. Acredito que vamos ter um aumento de imóveis de menor porte. Esse é um mercado a ser explorado na região”

Carlos Meschini
diretor regional do Sindicato da Habitação (Secovi) na Baixada Santista

OCASIONAL

“Essa situação deve ocorrer porque as localidades periféricas ainda possuem um número elevado de imóveis de uso ocasional”

José Marques Carriço
arquiteto



PROJEÇÃO POPULACIONAL

Município	2011	2020	2030	2040	2050
Bertioga	48.999	63.290	75.340	83.860	90.118
Cubatão	119.693	129.145	137.235	140.922	140.211
Guarujá	293.052	316.405	337.853	348.528	349.069
Itanhaém	88.094	98.757	107.733	112.824	116.346
Mongaguá	47.037	54.610	60.304	63.949	66.615
Peruibe	60.340	66.201	71.318	75.114	78.185
Praia Grande	267.046	316.844	354.070	373.470	382.757
Santos	420.222	428.703	435.529	434.826	426.381
São Vicente	334.760	357.929	378.230	386.766	385.408
Baixada Santista	1.679.243	1.831.884	1.957.612	2.020.259	2.035.090

Fontes: Fundação Seade

DOMICÍLIOS OCUPADOS (ESTIMATIVA)

Município	2011	2020	2030	2040	2050
Bertioga	15.140	21.164	27.240	32.388	36.909
Cubatão	37.298	45.056	52.384	57.253	59.658
Guarujá	86.713	103.296	119.782	130.969	137.225
Itanhaém	28.747	33.519	38.437	42.136	45.515
Mongaguá	14.903	17.843	20.659	22.851	24.851
Peruibe	19.527	21.974	24.636	26.957	29.215
Praia Grande	85.834	108.356	129.634	145.002	156.604
Santos	145.500	154.029	161.607	164.876	164.942
São Vicente	103.512	120.424	136.709	147.212	152.887
Baixada Santista	537.174	625.661	711.088	769.644	807.806

Fontes: Fundação Seade